

Introdução

Meu primeiro contato com a obra de João do Rio aconteceu numa aula de técnicas de reportagem do curso de jornalismo, quando o autor me foi apresentado como um dos primeiros no Brasil a utilizar as técnicas do jornalismo moderno. Tempos depois caiu-me nas mãos um dos poucos livros do autor publicados recentemente, *A alma encantadora das ruas*. Neste livro João do Rio declara seu amor pelas ruas, pelos espaços coletivos, enfim, pela cidade e por seus personagens. “Pequenas profissões”, “A pintura das ruas”, “Músicos ambulantes” são algumas das crônicas que demonstram o interesse que o autor nutria pelos aspectos do espaço público. Lendo esses textos pude perceber porque João do Rio é considerado um pioneiro da reportagem nos jornais brasileiros. Saindo da redação ele buscava na rua a matéria de seus textos. O livro traz ainda reportagens sobre temas sociais que contêm o germe do jornalismo investigativo e de denúncia: “Os trabalhadores da estiva”, “As mulheres mendigas”, “Mulheres detentas” são algumas delas.

A alma encantadora das ruas é um dos livros mais conhecidos do autor, mas sua obra é bastante extensa. João Paulo Alberto Coelho Barreto nasceu no dia 5 de agosto de 1881 e estreou no jornalismo em junho de 1899, pouco antes de completar 18 anos. A partir daí, escreveu sistematicamente na imprensa até junho de 1921, quando morreu em decorrência de um enfarto. Nesses 22 anos de carreira produziu uma obra muito vasta e pulverizada em diversos periódicos. A maior parte de sua produção é composta de crônicas e reportagens, mas também escreveu ensaios, romances, contos e peças teatrais.

No entanto, quando procurei outras obras do autor descobri que pouquíssimos títulos estavam disponíveis. Romances e contos ainda foram reeditados nas últimas décadas, mas boa parte de seus livros de crônicas tornaram-se raridades. Por ser o primeiro dos jornalistas modernos e pela aura de mistério que recobre boa parte de sua produção, desconhecida da maioria do público, quando ingressei no mestrado em História Social da Cultura sabia que queria trabalhar com este autor, no entanto, conhecia muito pouco de sua obra.

Logo no primeiro semestre, nas aulas da professora Marília Rothier Cardoso, pude aprofundar meus conhecimentos sobre a crônica enquanto gênero e também tive a oportunidade de ler e trabalhar com textos publicados nos livros *O momento literário*, *Cinematógrafo*, *As religiões do Rio*, *Vida Vertiginosa*, *Pall-Mall Rio* e *Crônicas e frases de Godofredo Alencar*. Já um pouco mais familiarizada com a obra do autor, comecei a conversar com a minha orientadora, Margarida de Souza Neves, sobre a delimitação do tema deste trabalho. Logo chegamos à conclusão de que seria interessante trabalhar com a relação entre o jornalismo e a literatura na obra de João do Rio, o que permitiria fazer uma ponte com a minha formação de jornalista. O projeto pronto foi então submetido à apreciação da banca composta pela professora Marília e pelo professor Ilmar Rohloff de Mattos que trouxeram preciosas sugestões para o desenvolvimento do trabalho, uma delas, a de substituir os livros de crônica como fonte privilegiada do estudo por textos que nunca saíram das páginas efêmeras dos jornais. A partir daí o meu desafio foi encontrar uma série de crônicas inéditas entre as muitas séries que o autor escreveu para os jornais do Rio de Janeiro.

Depois de muita pesquisa escolhi a coluna *Cinematographo*, publicada na *Gazeta de Notícias* de 11 de agosto de 1907 a 18 de dezembro de 1910, por dois motivos: primeiro, por considerá-la uma série que representa de forma particularmente eloqüente o espírito da época e o estilo do autor, a começar pelo título, passando pelo conteúdo e até mesmo na forma. Em segundo lugar, porque constatei que a grande maioria das crônicas que compõem a série tal como publicada na *Gazeta de Notícias* era bastante desconhecida. Das 145 semanas em que a coluna *Cinematographo* foi publicada, e cada publicação trazia entre três e cinco crônicas, somente dez textos foram reproduzidos em livro, nem todos no livro que leva o título da série. Tomar o livro *Cinematógrafo*, de 1909, por uma seleção de crônicas retiradas da coluna homônima é um equívoco freqüente que pretendo contribuir para desfazer neste trabalho.

Definida a série passei à leitura e ao fichamento de todas as crônicas disponíveis, em microfilme, no arquivo de periódicos da Biblioteca Nacional. Não foram poucas as dificuldades, já que além do desconforto do trabalho com o texto microfilmado, a leitura foi dificultada pelo mau estado

de conservação de algumas edições e a pesquisa prejudicada por duas falhas no acervo da biblioteca, uma entre março e junho de 1910 e outra entre setembro e dezembro do mesmo ano.

Dividida em três partes, essa dissertação pretende demonstrar a importância da crônica de Paulo Barreto no cenário da *Belle Époque* carioca, tomando como fonte privilegiada a coluna *Cinematographo*. Escolha, que por si só aponta para a forma com que este trabalho se insere na História Social da Cultura. A crônica, e de maneira um pouco diferente o jornal que lhe serve de suporte, narra o cotidiano, o tempo vivido e através dela pode-se captar o espírito de uma época, ainda que mediado pelo olhar e pela interpretação do cronista. No texto “História da crônica, crônica da história”, Margarida de Souza Neves nos interpela:

Como não sentir simultaneamente a estranheza e o potencial de indício revelador ao constatar a recorrência da presença dos bondes nas crônicas de autores tão diferentes como Olavo Bilac, Lima Barreto e Machado de Assis? Onde as gerações mais jovens descobrirão os segredos da Lapa, do Beco das Garrafas e de outros espaços da cartografia da boêmia carioca senão nos cronistas? Em que outro documento será possível encontrar o cotidiano monumentalizado como na crônica? Não são muitas as fontes em que o historiador encontrará com tanta transparência as sensibilidades, os sentimentos, as paixões de momento e tudo aquilo que permite identificar o rosto humano da história.¹

A crônica, mais que os documentos oficiais, pode nos aproximar de uma determinada época. Sem perder de vista o fato de que toda construção da temporalidade traz em si a subjetividade da seleção e da interpretação, a mediação do texto, nesse caso, funciona como uma lente de aumento que nos permite ver mais de perto, através dos olhos do cronista, as particularidades de seu tempo. É, portanto, a partir da análise desta série de crônicas que procurei reconstituir o espírito da *Belle Époque* carioca, principalmente as relações entre os literatos e a imprensa e entre estes e o processo de modernização ocorrido no período.

No primeiro capítulo procurei apresentar a coluna, ao fazer algo próximo a uma etnografia da série *Cinematographo*, descrevendo sua forma, sua localização no jornal e as modificações por que passou ao longo do período em que foi publicada. Procurei ainda inscrever a série na carreira de Paulo Barreto na *Gazeta de Notícias* e no cenário da imprensa da época, que

¹ NEVES. 1995. p. 25

deixava para trás o caráter doutrinário e artesanal e buscava tornar-se uma empresa cujo principal produto deveria ser a informação. No momento em que o jornalismo reivindicava para si o estatuto de imparcialidade e neutralidade, Paulo Barreto renova sua crônica incorporando procedimentos típicos da reportagem. Essa crônica renovada, que, ao mesmo tempo que distrai, informa o leitor, tem um papel fundamental dentro da sociedade carioca da *Belle Époque*.

O segundo capítulo trata da relação da crônica e de seu autor com a cidade e seus habitantes. O jornalismo era a principal forma de profissionalização dos literatos, que através da imprensa exerciam a função de intérpretes da vida na cidade, em um momento em que todas as referências eram colocadas à prova.

No terceiro capítulo procurei demonstrar que na coluna *Cinematographo* as marcas das transformações urbanas e sociais e do progresso técnico aparecem tanto na forma quanto no conteúdo das crônicas, o que aponta para o profundo envolvimento do autor com seu tempo.